

ETNOASTRONOMIA

*do conhecimento dos astros aos saberes
tradicionais*



Milena Evangelista dos Santos
Regivaldo da Silva Santos
Tamires Fraga Martins
(Organizadores)

Etnoastronomia

do conhecimento dos astros aos saberes tradicionais

Colégio Estadual do Açudinho
Conceição do Coité - BA
2024



Colégio Estadual do Açudinho - CEA

Organizadores

Prof.^a Dr. Milena Evangelista dos Santos
Prof. Esp. Regivaldo da Silva Santos
Prof.^a Msc. Tamires Fraga Martins

Autores

Prof.^a Dr. Milena Evangelista dos Santos | Professora
Prof. Esp. Regivaldo da Silva Santos | Professor
Prof.^a Msc. Tamires Fraga Martins | Professora
Aline dos Santos Mercês | Aluna
Alyka Fabiana de Souza Araújo | Aluna
Alice Fonseca Ferreira | Aluna
Carla Waleska Silva de Oliveira | Aluna
Jennifer de Jesus Santos | Aluna
Leticia Lima Pereira da Silva | Aluna
Maria Luiza de Souza Lima | Aluna
Maria Clara Araújo Souza | Aluna
Moisés Gordiano dos Santos | Aluno
Pedro Guilherme Matos de Oliveira | Aluno
Ricardo Silva Miranda | Aluno
Tayla Kaylany de Jesus Lima | Aluna
Willian Matos Oliveira | Aluno

Design gráfico

Aline Santos Mercês



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Ellen Andressa Kubisty

Luiza Alves Batista

Nataly Evilin Gayde

Thamires Camili Gayde

2024 by *Atena Editora*

Copyright © *Atena Editora*

Copyright do texto © 2024 O autor

Copyright da edição © 2024 *Atena*

Editora

Direitos para esta edição cedidos à

Atena Editora pelo autor.

Open access publication by *Atena*

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição- Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo da obra e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva do autor, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da *Atena Editora*. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos ao autor, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Os manuscritos nacionais foram previamente submetidos à avaliação cega por pares, realizada pelos membros do Conselho Editorial desta editora, enquanto os manuscritos internacionais foram avaliados por pares externos. Ambos foram aprovados para publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A *Atena Editora* é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Biológicas e da Saúde

Profª Drª Aline Silva da Fonte Santa Rosa de Oliveira – Hospital Federal de Bonsucesso

Profª Drª Ana Beatriz Duarte Vieira – Universidade de Brasília

Profª Drª Ana Paula Peron – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Prof. Dr. Bruno Edson Chaves – Universidade Estadual do Ceará

Profª Drª Camila Pereira – Universidade Estadual de Londrina
Prof. Dr. Cirênio de Almeida Barbosa – Universidade Federal de Ouro Preto
Prof. Dr. Cláudio José de Souza – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Danyelle Andrade Mota – Universidade Tiradentes
Prof. Dr. Davi Oliveira Bizerril – Universidade de Fortaleza
Profª Drª. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Guillermo Alberto López – Instituto Federal da Bahia
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Delta do Parnaíba – UFDPAr
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Aderval Aragão – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Kelly Lopes de Araujo Appel – Universidade para o Desenvolvimento do Estado e da Região do Pantanal
Profª Drª Larissa Maranhão Dias – Instituto Federal do Amapá
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Luciana Martins Zuliani – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Prof. Dr. Maurilio Antonio Varavallo – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Max da Silva Ferreira – Universidade do Grande Rio
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaco do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Prof. Dr. Renato Faria da Gama – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro
Profª Drª Sheyla Mara Silva de Oliveira – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Suely Lopes de Azevedo – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Taísa Ceratti Treptow – Universidade Federal de Santa Maria
Profª Drª Thais Fernanda Tortorelli Zarli – Universidade Estadual do Oeste do Parana
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade Federal de Itajubá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Etnoastronomia do conhecimento dos astros aos saberes tradicionais

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Milena Evangelista dos Santos
Regivaldo da Silva Santos
Tamires Fraga Martins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)	
E84	<p>Etnoastronomia do conhecimento dos astros aos saberes tradicionais / Organizadores Milena Evangelista dos Santos, Regivaldo da Silva Santos, Tamires Fraga Martins. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2024.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-65-258-3021-6 DOI: https://doi.org/10.22533/at.ed.216241312</p> <p>1. Plantas medicinais. I. Santos, Milena Evangelista dos (Organizadora). II. Santos, Regivaldo da Silva (Organizador). III. Martins, Tamires Fraga (Organizadora). IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDD 615.32</p>
Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

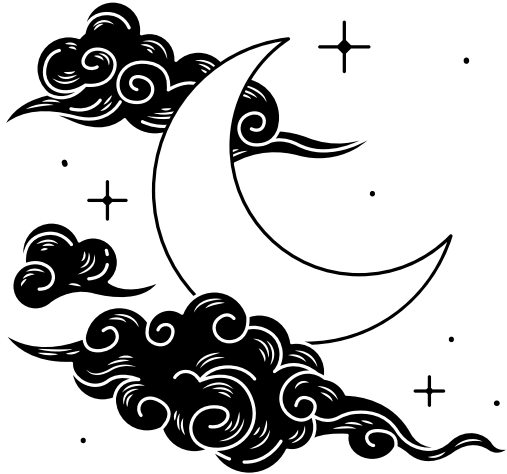
Declaração dos autores

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao conteúdo publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que o texto publicado está completamente isento de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

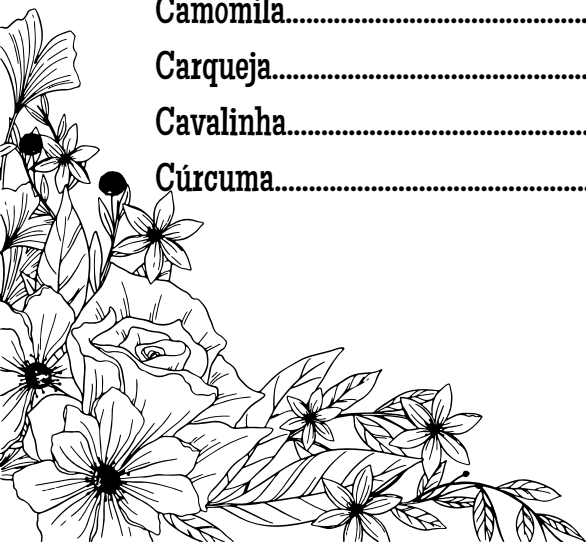
Declaração da Editora

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são open access, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de e-commerce, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

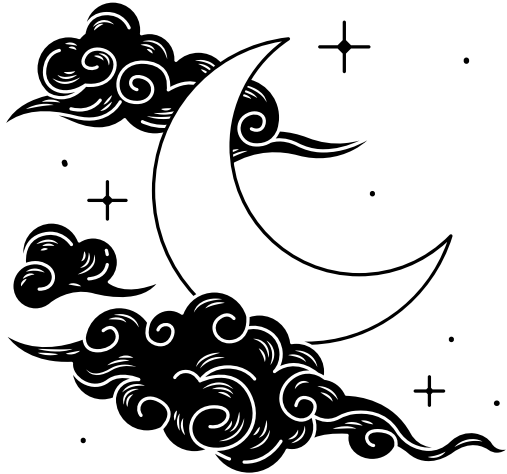
SUMÁRIO



1. Introdução Geral.....	1
2. Processos metodológicos.....	6
CAPÍTULO I - Percepções etnoastronômicas na região sisaleira	12
CAPÍTULO II - Plantas Medicinais usadas pelos povos tradicionais e originários da região sisaleira.....	16
Alecrim.....	19
Arruda.....	20
Boldo.....	21
Chapéu de couro.....	22
Camomila.....	23
Carqueja.....	24
Cavalinha.....	25
Cúrcuma.....	26



SUMÁRIO



Erva-doce.....	27
Gengibre.....	28
Jatobá.....	29
Malva.....	30
Pitangueira.....	31
Sálvia.....	32

AGRADECIMENTOS.....	33
---------------------	----

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34
---------------------------------	----





Introdução

Geral

Introdução Geral

A Etnoastronomia é a ponte entre o céu e a Terra, unindo Ciência e cultura ao explorar como diferentes sociedades compreendem e se relacionam com os astros (AFONSO, 2010). Desde tempos antigos, essas sociedades têm desenvolvido uma relação ancestral com o céu, baseando-se na observação atenta das estrelas, da lua e do Sol. Esse conhecimento é usado para diversas atividades cotidianas, como a agricultura, a caça e a pesca, além de desempenhar um papel crucial nas tradições culturais e espirituais dessas sociedades.

O Território Identidade do Sisal é constituído por 20 municípios, está inserido no Semiárido baiano com a predominância de uma economia agrícola de base familiar voltada para a produção de sisal (IBGE, 2011; Oliveira & Dias, 2015). De acordo com a Secretaria de Cultura do Estado da Bahia (SECULT, 2022), na região do Sisal, é possível encontrar apenas a comunidade indígena Kiriri, presente entre os municípios de Quijingue e Banzaê. Já em relação as comunidades quilombolas são reconhecidas 19, certificadas e identificadas no território.

A proposta aqui apresentada traz o diálogo entre as leis 10.639/2003 e a 11.645/2008 que introduzem a obrigação de abordar a história e cultura africana, afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros. Vale a pena ressaltar, que tendo por base a lei 10.639/2003, a escola deve ser um ambiente de disseminação de conhecimentos possibilitando ter vivências que contribuam para o desenvolvimento social dos alunos. Resultando no reconhecimento da importância desses povos na diversidade cultural do Brasil e no combate ao racismo.

Os dados aqui compilados são fruto do projeto "Etnoastronomia: um resgate dos saberes tradicionais" selecionado pelo edital Makota Valdina (SEC/SEPROMI nº 10 /2023). Esse projeto foi realizado no Colégio Estadual do Açudinho, durante o ano de 2024. O Colégio atende mais

Introdução Geral

de 10 povoados de Conceição do Coité e, dentre as comunidades, está o Quilombo do Maracujá. Ambas as comunidades se constituem como um locus de resistência e de proteção às memórias ancestrais.

Nas próximas páginas, mergulharemos na rica tradição oral dessa comunidade, onde os astros não são apenas corpos celestes distantes, mas guardiões de histórias ancestrais, transmitidos de geração em geração. Através dos olhos e das palavras dos mais velhos, descobrimos como o movimento das estrelas, da lua e do Sol dita o ritmo das colheitas, os ciclos de vida e morte, e até mesmo as celebrações que fortalecem os laços comunitários.

Neste diálogo entre o saber científico e os conhecimentos tradicionais, pretendemos não apenas entender como essas comunidades observam e interpretam o céu, mas também reconhecer o valor de suas práticas e seu papel na preservação de uma sabedoria cósmica ancestral.

Este livro nasce do desejo de valorizar e registrar os saberes da comunidade Quilombola do Maracujá localizada no município de Conceição do Coité e da comunidade Indígena do Kiriri, em Mirandela localizada entre os distritos de Banzaê e Quijinguê, onde o céu é parte integrante da vida cotidiana, um guia para as práticas agrícolas, espirituais e sociais.

Arelado ao objetivo supracitado, cabe aqui mencionar a necessidade em reconhecer a importância dos saberes dos povos originários e quilombolas a partir do conhecimento das práticas de plantio atreladas ao conhecimento dos astros. Do mesmo modo que: conhecer as plantas mais utilizadas e as técnicas de plantio usadas pelos povos tradicionais e sua relação com a astronomia.

Antes de mergulharmos nessa aventura, elaboramos um breve resumo sobre as comunidades. Vamos conhecer um pouco sobre elas!

Introdução Geral

Comunidade Quilombola do Maracujá

A comunidade de Maracujá, distante 18 km da sede de Conceição do Coité, recebeu em 2014 a certificação junto ao Governo Federal como Comunidade Quilombola. É a primeira da região sisaleira a ser reconhecida pela Fundação Palmares. Uma comunidade remanescente de quilombo resulta em um grupo social cuja identidade étnica, a história e a cultura os distingue do restante da sociedade.

Decorrente do orgulho pela cor da pele, história de força e riqueza cultural, a certificação é o primeiro passo para a garantia de direitos fundamentais para uma comunidade ancestral. Com ela garante-se o título definitivo da terra e são traçadas estratégias de valorização cultural. Os Quilombolas também passam a ter direito às cotas e aos projetos nacionais destinados a eles.

A Comunidade do Maracujá é um verdadeiro tesouro da cultura nordestina, onde a tradição e a vida rural se entrelaçam de forma harmoniosa. Com um nome que evoca a riqueza da flora local, essa comunidade é marcada pela hospitalidade de seus moradores e pela forte ligação com a terra.

Os habitantes da comunidade do Maracujá preservam uma identidade cultural rica, expressa em suas festas tradicionais, celebrações religiosas e práticas comunitárias que fortalecem os laços entre as famílias. Essas manifestações culturais não apenas celebram a história local, mas também promovem um senso de pertencimento e união entre os moradores.

Introdução Geral

Comunidade Indígena Kiriri

O povo kiriri constitui hoje um grande exemplo de luta para outros povos indígenas localizados na região Nordeste do país. Kiriri é um vocábulo tupi que significa povo "calado" e "taciturno". Essa designação teria sido atribuída pelos Tupi da costa aos indígenas habitantes do sertão.

O povo Kiriri tem seu território localizado entre os municípios de Banzaê e Quijingue, no nordeste do estado da Bahia, na bacia do médio Itapicuru e ocupa uma extensão territorial de 12.320 hectares. O território indígena foi homologado no ano de 1990, após anos de lutas pela retomada, que remontam a década de 1970. Kipeá é a língua falada pelos Kiriri, que pertencem à família linguística Kariri, do tronco Macro-Jê.

Para compreender melhor sobre a comunidade, no dia 21/09/2024 fizemos uma viagem. Os alunos tiveram a oportunidade de conhecer o cacique Lázaro, tiveram um diálogo com o mesmo e conheceram mais sobre a história local, suas tradições e saberes. Em um dos momentos na comunidade, o Cacique Lázaro passou através de um cordel a sua história e a história daquela comunidade.

Em seguida, será relatado um pouco dessa conversa, foi priorizado os momentos relacionados com o uso da terra e os conhecimentos dos astros, por estarem alinhados diretamente com a proposta do nosso livro.

Momento I

Cacique Lázaro (figura 1): [...] O índio nasce da terra, como animal e vegetal, só Deus pode conseguir isso, a cultura de um povo, ela não pode ser esquecida, porque faz parte da nossa vida. Não adianta ser só indígenas, cada um tem seu jeito, sua cultura singular [...]

Introdução Geral

Momento II

[...] Olha, nós reconhecemos que a Terra é a nossa mãe e sem ela não sabemos viver. Porque o "índio" nasce da terra [...]

As Pranta são... São quase tudo, assim como nós, como cada um de nós, cada uma tem um desenvolvimento, cada uma resolve uma doença né?, tem planta para limpar garganta, a gente tem para dor na coluna, pra próstata...

Aluno Moisés pergunta: Que tipo de vegetal vocês plantam? Ele falou que o plantio foi bom, colheram o que?

Mônica (filha do cacique) responde: Milho, feijão, batata doce, aipim, abóbora, melancia...



Ana Nery (professora) pergunta: Mônica, tem uma diferença com relação ao plantio não é? No caso das sementes a preferência é lua cheia, mas no caso da raiz seria o oposto, lua minguante?

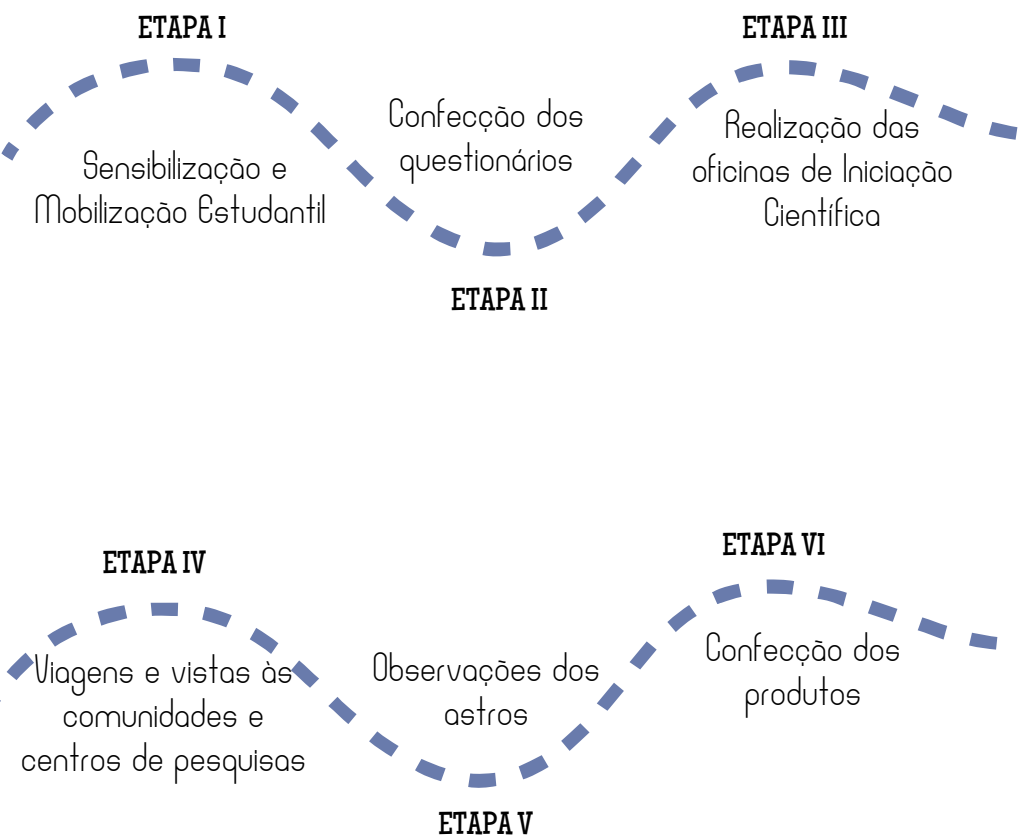
Mônica (filha do cacique) responde: Minha mãe que gosta de plantar sempre planta na quadra da lua cheia.

Palavras do Cacique Lázaro e sua Filha Mônica.

Figura 1. Ilustração Cacique Lázaro. Fonte: Produzido pela aluna Aline Santos Mercês.

Processos Metodológicos ⁶

Para a realização desse projeto dividimos ele em 6 etapas, sendo elas cruciais para o seu desenvolvimento. As pesquisas foram realizadas por meio das oficinas do projeto Educa Mais Bahia, no qual os alunos, nossos cientistas, foram instruídos à construir parte dos dados aqui apresentados. Aqui descreveremos as etapas, em seguida faremos uma breve descrição sobre cada uma das etapas.



Processos Metodológicos ¹

Etapa 1: Sensibilização e Mobilização Estudantil

Essa etapa inicial contou com a participação de estudantes que já desenvolvem projeto com a professora Milena. Estes alunos, a partir de uma formação com uso de vídeos e leituras prévias fizeram os convites aos/às colegas. As literaturas previamente selecionadas e consideradas imprescindíveis foram: A Astronomia Indígena de Luís Galdino e Aprendendo a ler o céu de Rodolfo Langhi (figura 2).



Figura 2. Literatura inicial indicada aos alunos. Fonte: Google imagens

Etapa 2: Confeção dos questionários

O questionário contou com questões voltadas às cosmo visões, como práticas de plantio, época do ano para plantio e colheita e como elas são correlacionadas com fatores astronômicos.

Processos Metodológicos ⁸

Etapa 3: Realização de oficinas de Iniciação Científica

As oficinas foram realizadas ao longo do ano de 2024, em turno oposto com os alunos inscritos no projeto. As oficinas versaram sobre temas ligados à pesquisa científica, botânica, astronomia e cosmologia. A seguir, algumas fotos dos encontros (figura 3):



Figura 3. Algumas das oficinas realizadas no Colégio Estadual do Açudinho. Fonte: Arquivos pessoais.

Processos Metodológicos ⁹

Etapa 4: Viagens e vistas às comunidades e centros de pesquisas

Durante o ano de 2024 foram realizadas visitas às comunidades para a realização de encontros e apresentação do projeto e rodas de conversas de aprendizagem, no qual os mais velhos eram participantes ativos da produção do saber. Também foram feitas viagens, sendo elas para: Museu de Astronomia Antares, Museu Casa do Sertão (Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFES) e para o Planetário da Universidade Federal da Bahia (UFBA) (figuras 4 e 5).



Figura 4. Registro da viagem ao Museu Astronômico Antares da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Fonte: Arquivos pessoais.



Figura 5. Registro da viagem à Universidade Federal da Bahia (UFBA) e ao Observatório Astronômico da mesma instituição. Fonte: Arquivos pessoais.

Processos Metodológicos "

Etapa 5: Observação dos astros

Alguns dos encontros foram realizados à noite para observação dos astros, uso de software como o Stellarium para a compreensão dos astros e identificação de algumas formas nas constelações. (figura 6).



Figura 6. Registros de alguns dos encontros destinados à observação dos astros.
Fonte: Arquivos pessoais.

Capítulo 1

Percepções etnoastronômicas na região
sisaleira



Percepções etnoastronômicas

Como mencionado anteriormente, para a execução deste projeto, contamos com a formação dos alunos sobre os métodos científicos no intuito de despertar o fazer ciência na escola, o que resultou em um artigo publicado, de caráter pioneiro para a escola (Evangalista-dos-Santos et al. 2024).

Os alunos do projeto de etnoastronomia, realizaram reuniões e viagens, com intuito de construir e reconhecer os conhecimentos astronômicos dos povos originários e dos nossos antepassados. Quais conhecimentos astronômicos esses povos utilizavam em seu cotidiano? Essa é apenas uma das perguntas norteadoras usada pelos alunos do projeto de etnoastronomia.

Em uma das reuniões no Colégio Estadual do Açudinho, durante a noite, os alunos foram instruídos à observar os astros para ajudarem em seus estudos sobre os povos originários. Antes os alunos assistiram uma palestra sobre a astronomia indígena.

Durante as observações, os alunos identificaram algumas constelações e o significado de cada uma delas para os povos originários. Durante esses momentos, foi possível compreender sobre alguns hábitos que os povos originários possuem e como correlacionam com cada fase da Lua, em especial depois de ouvirem e discutirem sobre a importante palestra.

“Ficamos fascinados no quão belo e significativo aqueles astros podiam ser, agora entendemos como os nossos ancestrais usavam o significado daqueles astros no seu dia a dia para alguns hábitos e culturas” Percepções dos alunos Pedro e William.



Em uma das viagens, os alunos foram conhecer o planetário da UFBA. Os alunos puderam ter a experiência de utilizar a balança espacial. Viram representações dos planetas e do maior meteorito, o meteorito de Bendegó. Participaram de uma palestra sobre a importância dos astros, tiveram a oportunidade de ver uma projeção de como seria o céu de Salvador, sem a interferência das construções e iluminação artificial. Através dessas informações, os alunos conheceram algumas outras constelações e seus significados para os povos originários.



As diferentes sensações que os alunos sentiram provam o quão mágico e inspirador foram estas viagens e reuniões, onde eles puderam se sentir realizados e fascinados com a elucidação de diversos assuntos sobre a etnoastronomia. Saber sobre como os ancestrais usavam os astros fez com que os alunos se sentissem mais próximos daqueles que já se foram, por meio da cultura que é mostrada por eles. O quão interessante foi para os alunos e o quão marcou eles, sempre ficará marcado na história do projeto.

Durante as rodas de conversas com os representantes das comunidades tradicionais da região sisaleira podemos aprender sobre como eles entendem e interpretam os astros e aplicam esses conhecimentos na sua rotina. Muitos desses conhecimentos envolvem as práticas de plantio de plantas tradicionais da região, como milho, feijão e abóbora.

Os indígenas, assim como os representantes das comunidades quilombolas, têm uma profunda conexão com a natureza e utilizam as fases da lua para guiar suas atividades agrícolas. Essa prática é baseada na observação dos ciclos naturais e acredita-se que as fases da lua influenciam o crescimento das plantas.



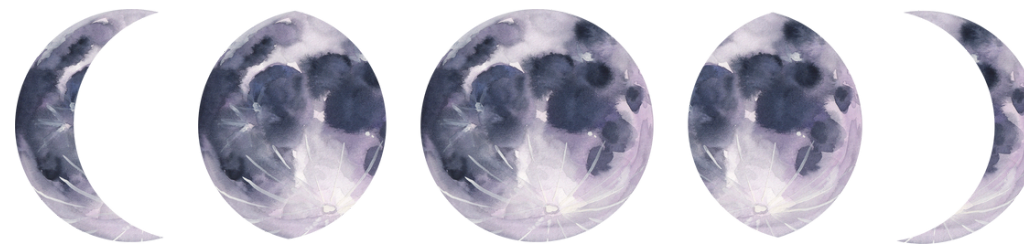
1. Lua Nova: Esse é um momento considerado ideal para plantar sementes, incluindo milho, feijão e abóbora. Acredita-se que as energias da lua nova ajudam na germinação e no desenvolvimento inicial das plantas. O plantio desses vegetais geralmente é feito no final de Março.

2. Quarto Crescente: Durante essa fase, o crescimento das plantas é geralmente estimulado. Os indígenas e quilombolas também costumam a plantar nesse período, especialmente variedades de vegetais que crescem acima do solo, pois a energia crescente da lua favorece o desenvolvimento foliar.

3. Lua Cheia: Essa fase é vista como um bom momento para realizar colheitas, já que os vegetais tendem a estar mais cheios e robustos. Para o milho, por exemplo, a colheita na lua cheia pode resultar em grãos mais desenvolvidos.

4. Quarto Minguante: Durante essa fase, as atividades de plantio são geralmente evitadas, e pode ser um tempo propício para cuidar das plantas, como a remoção de ervas daninhas ou a preparação do solo para a próxima safra.

Essa relação com a lua é um exemplo da sabedoria tradicional que valoriza a harmonia entre os seres humanos e os ciclos da natureza.



Capítulo II

Percepções botânicas na região sisaleira



Percepções Botânicas

Atrelado às informações elencadas no capítulo anterior, também tivemos a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre o uso das plantas no cotidiano das representantes, e com isso, surgiu a ideia deste capítulo, no qual versa sobre as principais plantas utilizadas, seus usos e partes utilizadas para confecção dos chás para fins medicinais.

É notório que as plantas medicinais desempenham um papel fundamental nas comunidades indígenas e quilombolas, tanto na preservação de suas tradições culturais quanto na promoção da saúde. Visto que essas comunidades apresentam um profundo conhecimento sobre as propriedades das plantas medicinais, que é adquirido ao longo de gerações. Esse saber é crucial para a prevenção e tratamento de doenças, e é transmitido oralmente, fortalecendo a identidade cultural.

O uso de plantas medicinais permite que essas comunidades sejam mais autossuficientes em termos de saúde. Elas podem cultivar e utilizar remédios naturais em vez de depender exclusivamente da medicina convencional, que pode ser em muitos casos, inacessível.

As práticas de cura dessas comunidades frequentemente envolvem uma abordagem holística, que considera o corpo, a mente e o espírito. As plantas medicinais são usadas em rituais e cerimônias, integrando aspectos espirituais e comunitários ao cuidado com a saúde.

Sob o ponto de vista biológico, o uso de plantas medicinais está intimamente ligado à conservação da biodiversidade. As comunidades indígenas e quilombolas têm um papel vital na proteção de seus ecossistemas, cultivando e preservando espécies nativas, muitas vezes ameaçadas.

O conhecimento sobre plantas medicinais é uma forma de resistência cultural. Ao manter e valorizar essas práticas, essas comunidades afirmam sua identidade e seus direitos, lutando contra a homogeneização cultural e a perda de suas tradições.

Há um crescente interesse pela medicina tradicional e pelas plantas medicinais em contextos mais amplos, o que abre espaço para o diálogo entre saberes. Isso pode levar a colaborações benéficas, mas também é crucial que o respeito e os direitos das comunidades sejam sempre priorizados.

Desta forma, reforçamos aqui, que as plantas medicinais são essenciais não apenas para a saúde, mas também para a cultura, identidade e resistência das comunidades indígenas e quilombolas, contribuindo para a preservação do seu modo de vida e do meio ambiente.



Fonte: Google Imagens

Alecrim

Lamiaceae

Rosmarinus officinalis L.

O alecrim é uma erva aromática comum na região do Mediterrâneo e possui diversos benefícios, sendo usado principalmente como chá, óleo essencial e tempero. Um dos principais nutrientes do alecrim é a vitamina A, essencial para a saúde dos olhos e da pele, além de ter uma forte ação antioxidante. O tempero também contém vitamina C, que fortalece o sistema imunológico e ajuda a prevenir o envelhecimento da pele. A vitamina K está presente em quantidades relevantes, sendo importante para a coagulação sanguínea e para a fixação do cálcio nos ossos (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021)

Partes usadas: Folhas, Ramos e Flores.



Fonte: Google Imagens

Arruda

Rutaceae

Ruta graveolens L.

A Arruda é uma planta medicinal nativa da Europa usada há séculos por suas propriedades terapêuticas e místicas. Pode ser aproveitada por inteira, porém, os compostos que garantem seus benefícios para a saúde estão encontrados, principalmente, nas folhas e, por isso, é bastante utilizada em chás. (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

A arruda ajuda a amenizar sintomas oriundos de infecções causadas por fungos, a planta age inibindo a inflamação, graças a isso, o uso da planta pode ser benéfico para quem sofre com as dores musculares e cólicas menstruais. Além disso, tem efeito calmante, ajudando a reduzir a ansiedade. Porém, deve ser usada com cuidado, pois é tóxica em grandes quantidades e contraindicada para gestantes.

Partes usadas: Folhas e Ramos.



Fonte: Google Imagens

Boldo

Monimiaceae

Peumus boldus Molina

O boldo é uma planta muito utilizada na medicina popular brasileira para o tratamento de problemas digestivos e hepáticos, e o chá de boldo é inclusive um aliado dos atletas porque é bom para combater má digestão e gases em excesso, que podem atrapalhar o desempenho.

Utilizada principalmente para tratar: má digestão, problemas do fígado, pedra na vesícula, gota, prisão de ventre, cistite, gases, dor de cabeça (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas, Ramos, Flores e óleo essencial.



Fonte: Google Imagens

Chapéu de couro

Alismataceae

Echinodorus macrophyllus (Kunth.) Mich.

Chapéu de couro é uma planta medicinal nativa de regiões alagadas e brejos do Brasil, encontrada principalmente nas áreas tropicais, é uma planta medicinal amplamente utilizada.

É usada para tratar dores articulares, artrite e reumatismo devido às suas propriedades anti-inflamatórias. A planta ajuda a eliminar o excesso de líquidos do corpo, sendo indicada para pessoas que sofrem de retenção de líquidos e problemas urinários, a planta também ajuda na desintoxicação do organismo (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas, Ramos, Flores e Raízes.



Fonte: Google Imagens

Camomila

Asteraceae

Matricaria chamomilla L.

A camomila é uma planta de origem europeia e muito consumida no cotidiano do brasileiro. Esta erva, que também pode ser conhecida em alguns lugares por matricária, pode ser ingerida de diferentes formas, como na forma de chá ou ainda combinada a outras plantas para potencializar os seus efeitos.

É muito utilizada na preparação de infusões para tratar ansiedade, insônia, má digestão e cólica menstrual. Além disso, também tem excelentes propriedades cicatrizantes, podendo ser usada para ajudar na cicatrização de feridas (Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas, Ramos, Flores e Raízes.



Fonte: Google Imagens

Carqueja

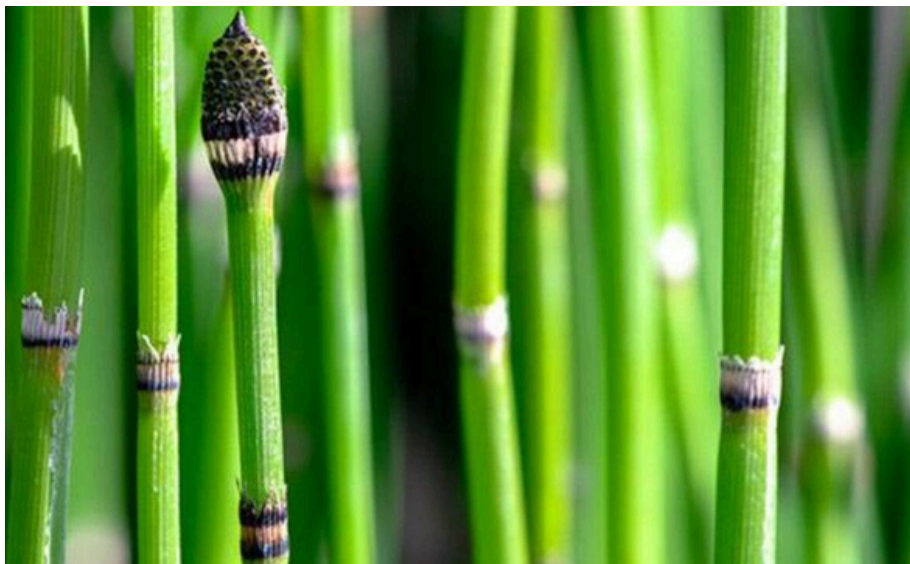
Asteraceae

Baccharis trimera (Less). A.P. de Candolle

A carqueja é uma erva espontânea em terrenos baldios e pastos, planta nativa da América do Sul, com origem em áreas como o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Sendo muito utilizada como planta medicinal, na forma de chás ou infusões. Outra forma de usar a carqueja é na forma de cápsulas.

A carqueja ajuda a diminuir a pressão arterial devido à sua ação diurética, que aumenta a eliminação de líquidos do corpo. Ajuda também a diminuir os níveis de açúcar no sangue, além de ajudar a fortalecer o sistema imunológico (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas e Ramos.



Fonte: Google Imagens

Cavalinha

Equisetaceae

Equisetum hiemale L.

Ela recebeu esse nome popular porque seu caule se assemelha à cauda de um cavalo. Originalmente, a erva é encontrada em regiões pantanosas do Brasil, de algumas áreas da Europa e do Oriente Médio. Tem diversos usos na medicina natural. Alguns benefícios incluem: o efeito diurético, auxiliando na eliminação de líquidos, sendo usada para combater retenção de líquidos e ajudar na perda de peso. Rica em silício, a cavalinha ajuda na síntese de colágeno, importante para os ossos e articulações, sendo usada na prevenção e tratamento da osteoporose (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas e Ramos.



Fonte: Google Imagens

Cúrcuma

Zingiberaceae

Curcuma Longa Linn.

A cúrcuma é uma planta herbácea e perene. A cúrcuma é uma planta herbácea e perene e atinge cerca de 150 centímetros de altura. Suas folhas são grandes, longas e, quando amassadas, liberam um odor característico. Essa planta possui rizoma, porção de grande interesse econômico (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

A cúrcuma é uma planta medicinal utilizada tradicionalmente na medicina Ayurveda (medicina desenvolvida na Índia) há cerca de seis mil anos. É indicada para problemas como resfriados, sinusites, infecções bacterianas, alterações no fígado, diabetes, lesões, anorexia e reumatismo.

Partes usadas: Rizoma.



Fonte: Google Imagens

Erva-doce

Apiaceae

Pimpinella anisum L.

É uma planta medicinal rica em flavonoides, ácido málico e cafeico, que são compostos bioativos com propriedades digestivas, laxativas, carminativas e espasmolíticas, sendo, por isso, indicada para aliviar gases, prisão de ventre, cólicas e má digestão (Severino et al. 2021).

Conhecida também como anis-verde, anis e pimpinela-branca, a erva-doce também é usada para aliviar dor de cabeça devido às suas propriedades analgésicas e anti-inflamatórias.

Partes usadas: Folhas, Ramos e Flores.



Fonte: Google Imagens

Gengibre

Zingiberaceae

Zingiber officinale Roscoe

O gengibre é uma planta herbácea originária do sudeste da Ásia, conhecida por seu rizoma (caule subterrâneo), amplamente utilizado na culinária e medicina tradicional. Pode ser encontrado na forma fresca, desidratada ou em pó, podendo ser usado em preparações, como chás, sucos, iogurtes, sopas ou saladas. O gengibre também pode ser encontrado na forma de óleo essencial ou suplementos em cápsulas.

O gengibre contém gingerol, que é um composto bioativo com propriedades termogênicas, que acelera o metabolismo e estimula a queima de gordura corporal, promovendo o emagrecimento. Além disso, o gengibre tem ação diurética, estimulando a eliminação do excesso de líquido do corpo e ajudando a desinchar. O cineol e o borneol, que são compostos bioativos presentes no gengibre, têm importante ação analgésica, ajudando a aliviar a dor muscular (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Rizoma.



Ponte: Google Imagens

Jatobá

Fabaceae

Hymenaea courbaril L.

O jatobá é uma árvore majestosa encontrada nas florestas tropicais da América Latina, incluindo o Brasil - Na Amazônia, no Cerrado e na Mata Atlântica. Essa espécie é valorizada pela madeira do jatobá que possui durabilidade e resistência a cupins, sendo usada em pisos, móveis e construções. A casca e a resina do jatobá que são tradicionalmente utilizadas em remédios naturais. A resina é conhecida como "vinho de jatobá" e é usada para tratar problemas respiratórios, como bronquite e asma, além de ter propriedades antimicrobianas. A polpa do fruto que é rica em carboidratos, fibras, e minerais como cálcio e ferro, sendo usada em sucos, pães e biscoitos (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Cascas, Folhas, Ramos e Sementes.



Ponte: Google Imagens

Malva

Malvaceae

Malva sylvestris L.

Malva é um gênero de plantas herbáceas da família Malvaceae que inclui aproximadamente 30 espécies. O termo malva é também o nome-comum das plantas deste gênero. O gênero distribui-se geograficamente pelas regiões tropicais, subtropicais e temperadas de África, Ásia e Europa.

A Malva é muito utilizada em medicamentos para placas dentárias, evitando o crescimento de bactérias na região.

A planta, preparada em infusão, têm diversos efeitos na saúde humana, dentre eles, é possível citar: efeito anti-inflamatório, regulador dos sintomas da menopausa e TPM, no tratamento de vaginite e candidíase (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas e Ramos.



Ponte: Google Imagens

Pitangueira

Myrtaceae

Eugenia uniflora L.

A pitangueira é uma árvore frutífera nativa da América do Sul, especialmente encontrada em regiões do Brasil, Argentina e Uruguai. As pitangas podem ser consumidas in natura ou utilizadas em doces, geleias e sucos. Possui muitos nutrientes como vitaminas A, B e C, cálcio, fósforo e ferro, que previnem o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, ajudam a manter a pele saudável e mantêm uma boa visão, além de ser muito útil para emagrecer, nutrir e reduzir o acúmulo de líquidos e inchaço do corpo (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas e Ramos.



Fonte: Google Imagens

Sálvia

Lamiaceae

Salvia officinalis L.

A sálvia é uma erva aromática e medicinal, frequentemente utilizada na culinária mediterrânea. indicada para auxiliar no tratamento de azia, úlceras, reumatismo ou diabetes, pois é rica em substâncias com propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e hipoglicemiante.

As partes normalmente utilizadas desta planta medicinal, também conhecida como salva, são as folhas para o preparo do chá, ou ainda as partes aéreas, muito utilizada na culinária para o preparo de carnes ou molhos, devido ao seu aroma perfumado.

É comumente utilizada em chás e infusões, sendo eficaz no tratamento de distúrbios digestivos, lesões ou inflamações na pele. Também é conhecida por seu uso em rituais e tradições de purificação (Aranda et al. 2020; Severino et al. 2021).

Partes usadas: Folhas e Ramos.

Agradecimentos

Durante a execução deste projeto, tivemos muitas trocas e desenvolvemos muitas ações, muitas delas só foram possíveis graças ao suporte logístico que tivemos.

Os autores são gratos à Secretaria de Educação do Estado da Bahia; Agradecemos à gestão do Colégio Estadual do Açudinho (CEA) pelo suporte fornecido durante às oficinas;

Aos representantes das comunidades do Maracujá, pelas trocas, conversas e prosas. Foi muito gratificante conhecer um pouco da história etnoastronômica com vocês.

Agradecemos também, aos representantes da comunidade indígena Kiriri, por nos receber de braços abertos e partilhar de suas vivências.

Eu, professora Milena, sou grata aos alunos por abraçarem o projeto e se empenharem na sua dedicação.



Referências bibliográficas ³⁴

- AFONSO, G.B. Astronomia Indígena. Revista de História, v. 1, p. 62-65. 2010.
- ARANDA, F.; BUZZO, B.; ARANDA, F. et al. De A a Z: a enciclopédia das plantas medicinais/ elaborado por Jolivi Publicações. São Paulo: Jolivi Publicações, 400 p. ISBN: 978-65-86323-02-3. 2020.
- EVANGELISTA-DOS-SANTOS, M.; MERCÊS, A.S.; LIMA, T.K.J. et al. A importância do método científico para a formação de jovens cientistas na Educação Básica. Botânica Pública, v. 5, p. 42-47. 2024.
- IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). Censo Demográfico. 2011. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/pt/inicio.html>. Acesso em: 30 ago. 2023.
- OLIVEIRA, I. F.; DIAS, A. B. Territórios de identidade: principais dilemas do processo de gestão - o caso do território do Sisal. Desenvolvimento Regional em Debate, v. 5, n. 2, p. 127-147, 2015.
- SECULT (Secretaria de Cultura). Sisal. Disponível em: http://www.cultura.ba.gov.br/arquivos/File/01_divisao_territorial_2/04_sisal.pdf. Acesso em: 30 ago. 2023.
- SEVERINO, V.G.P.; GOMIDES, N.A.M.T.P.; KATO, L. et al. De uma prosa e uma planta, um remédio : saberes tradicionais no uso medicinal de plantas na Comunidade Coqueiros [Ebook]. Goiânia: Editora UFG. ISBN (Ebook): 978-65-86636-09-3. 2021.

